

INTERCULTURALIDADE E DIREITOS HUMANOS: (RES) SIGNIFICANDO O “LÁPIS COR DE PELE” A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE UMA TURMA DE PRIMEIRO ANO DOS ANOS INICIAIS ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Isadora Lima Moreira¹
E-mail: isadoralima168@gmail.com
Milena Bonfim Barros²
Jamille Pereira Pimentel dos Santos³
Anna Donato Gomes Teixeira⁴
Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar a importância de se trabalhar com a interculturalidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, além de trazer a questão norteadora “Como acontece a organização do trabalho pedagógico nos anos iniciais do Ensino Fundamental?”. O relato foi construído através das experiências vividas com uma turma do 1º ano durante o estágio que ocorreu em uma escola pública da rede municipal de Guanambi- BA. Fizemos uma revisão bibliográfica e levantamos algumas questões durante a observação participante que se caracteriza pela análise e interação com o grupo a ser pesquisado, típica da pesquisa qualitativa. Sendo assim, por meio da observação foram desenvolvidos planos de aula para a semana de docência compartilhada, com o intuito de trabalhar sobre a interculturalidade e direitos humanos com o foco na ressignificação do “lápiz cor de pele”.

Palavras-chave: Docência. Escuta Sensível. Estágio. Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

Este texto configura-se como resultado de uma experiência vivida no componente curricular Pesquisa e Estágio - III do 7º semestre do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XII. Partimos do pressuposto de que o estágio além de aproximação com a realidade do trabalho pedagógico também se configura como pesquisa. Portanto, é importante compreendermos que o estágio não é apenas uma aproximação com a prática ou vivência prática, mas acima de tudo o estágio é campo de produção do conhecimento, é locus privilegiado de pesquisa (PIMENTA, 2019).

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Campus XII. E-mail: isadoralima168@gmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Campus XII. E-mail: milenabonfim3@gmail.com

³ Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente do DEDC XII/UNEB. E-mail: jppsantos@uneb.br

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do DEDC XII/UNEB. E-mail: adteixeira@uneb.br

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Infância e da Juventude

16 a 19 de agosto

A partir disso, o relato de experiência que aqui apresentamos foi construído por meio das vivências em uma turma do 1º ano, em uma escola pública da rede municipal de Guanambi - BA. A pesquisa e o estágio foram desenvolvidos durante uma carga horária de 70hrs, sendo 30 de observação e 40 de docência compartilhada, e para isso utilizamos como instrumento metodológico a observação participante. Esse instrumento nos possibilitou a compreensão acerca da importância de se ter um olhar observador e questionador sobre o fazer docente.

Dessa forma, a partir das discussões dos textos propostos no componente curricular de Pesquisa e Estágio e com base na questão norteadora adentramos no ambiente educacional com um olhar curioso e questionador e nos deparamos com questões que nos atravessaram e inquietaram imensamente.

O texto que se segue é composto primeiramente dos caminhos metodológicos que nortearam a construção da pesquisa, posteriormente no referencial teórico trazemos os principais autores que discutem com a temática escolhida, no tópico seguinte é relatado a análise, discussão e/ou resultados da pesquisa e por fim as considerações finais.

METODOLOGIA

O estágio como pesquisa que desenvolvemos teve como objetivo responder ao seguinte questionamento: “como acontece a organização do trabalho pedagógico nos anos iniciais do Ensino Fundamental?”. Para tanto, utilizamos instrumentos metodológicos de abordagem qualitativa que nos possibilitaram um conhecimento mais aprofundado do campo empírico.

No curso de Pedagogia da UNEB – Campus XII o estágio é compreendido como uma “oportunidade de aprendizagem da profissão docente e da construção da identidade profissional” (PIMENTA, 2004, p.99). Sendo assim, essa é uma abordagem que compreende o estágio como pesquisa e prática. Ou seja, enquanto eu observo o cotidiano escolar, eu reflito sobre esse cotidiano à luz da teoria educacional.

Assim, a experiência que ora descrevemos se iniciou no dia 10 de abril de 2023 e finalizou no dia 19 de maio do mesmo ano, sendo duas semanas de observação participante e duas de docência compartilhada. Posto isso, é importante apontar que a escola conta com um total de 507 crianças matriculadas, sendo ao todo 20 turmas que se dividem do 4º período da Educação Infantil até o 4º ano do Ensino Fundamental.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

É uma escola que atende no turno matutino e vespertino. A mesma conta com o apoio do CREIO⁵ para acompanhar os estudantes com necessidades especiais, pois a escola possui trinta crianças com laudo que atestam essas necessidades. Além da sala de aula elas também são atendidas em uma sala multifuncional. Ao todo, a escola conta com um total de 16 docentes e algumas monitoras.

Nossa pesquisa foi realizada no turno vespertino durante 4 horas diárias das 13h30min às 17h30min. Observamos uma turma do 1º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental que contava com um total de 26 alunos, 2 professoras e 1 monitora que acompanhava uma criança com de Síndrome de Down.

Na referida turma, as crianças tinham entre 6 e 7 anos e apresentavam diferentes níveis de aprendizagem. Algumas conheciam as letras, faziam o nome e até mesmo sabiam ler e escrever com a letra cursiva, enquanto outras apresentavam bastante dificuldade tanto na identificação das letras quanto dos números. Posto isso a observação participante enquanto instrumento metodológico na formação de professores pressupõe que o observador estranhe o cotidiano, pois o pesquisador está imerso no ambiente para compreender as múltiplas facetas desse cotidiano. E foi com esse entendimento que realizamos a nossa observação.

Desse modo, um dos elementos que nos chamaram atenção refere-se ao trabalho desenvolvido (ou não?) com a interculturalidade e os direitos humanos. Isso só foi possível porque adentramos à escola com a postura de olhar atento e inquisidor, e pudemos, a partir disso, inferir que sem essa postura esse dado não teria sido produzido e essa realidade continuaria oculta no currículo ali praticado. Assim, compreendemos que devemos olhar não apenas para as Diretrizes ou a legislação de um modo geral, mas também para o cotidiano vivo e vivido.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estágio como pesquisa é importante para a formação prática/profissional de estudantes de licenciatura, mas para além disso, também é um momento oportuno de produção de conhecimento, pois se o professor (ou o futuro professor) não perceber o cotidiano educacional como um espaço de pesquisa, ele ficará apenas na realização de métodos tarefas/rotineiros e esses métodos os impedem de realizar uma avaliação crítica do seu trabalho.

⁵ Centro de Referência em Educação Inclusiva e Operacional.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

A partir da leitura dos textos “A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor – uma revisão crítica” de Dauanny; Lima e Pimenta (2019), “Saberes, Tempo e aprendizagem do trabalho no magistério” de Tardif (2002) e “Educando o olhar da Observação” de Madalena Freire (1996) pudemos compreender o quão necessário é para o professor exercer uma prática fundamentada na teoria, pois somente assim será possível a adoção de uma postura crítica-reflexiva (práxis), que observa e analisa tudo em seu entorno.

No texto “A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor – uma revisão crítica” as autoras, logo de início, trazem uma citação de Lima (2012) em que ela diz que o ato de estagiar se assemelha ao ato de viver, pois assim como na vida, no estágio também estamos sujeitos a aprender o tempo todo, pois essa fase se configura como o momento em que o futuro professor irá desenvolver seus conhecimentos iniciais sobre a prática docente.

Na discussão do texto “Saberes docentes e formação profissional” do autor Maurice Tardif (2002) pudemos perceber que só se aprende a ser professor sendo, ou seja, na ação. Todavia, essa ação nunca deve ser desvinculada da teoria, pois o embasamento teórico nos fornece os elementos fundamentais para criarmos mecanismos que nos possibilitem adotar uma prática transformadora.

Posto isso, de acordo com o autor pode-se considerar que alguns conhecimentos só são adquiridos a partir da vivência em situações específicas. Desse modo, o autor afirma que esses saberes são temporais e que só conseguimos aperfeiçoá-los com o tempo e a prática, mas não devemos supervalorizar a prática. Sendo assim, durante a formação do professor é importante também que ele eduque o seu olhar para se tornar mais sensível e observador, sendo essa uma ferramenta importante durante o exercício de sua profissionalidade. Isso é discutido no texto “Educando o olhar da observação” de Madalena Freire (1996).

Segundo a autora, não fomos educados para a escuta, por isso o ato de ouvir é um processo que se aprende. Assim, os professores precisam aprender a escutar as crianças/estudantes. Pois é fundamental para uma boa prática docente saber ouvir o outro, ouvir os estudantes é somente através dessa escuta que observaremos fatores importantes para ajudá-los no processo de aprendizagem, tendo em vista a possibilidade de transformação dessa realidade observada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO/RELATO DE EXPERIÊNCIA

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Infância e da Juventude

16 a 19 de agosto

A organização do trabalho pedagógico na turma observada acontece numa jornada de 4hrs diárias distribuídas em 5 dias da semana. O currículo ali praticado têm seus conteúdos divididos por disciplinas. As professoras fazem o planejamento uma vez por semana, além de participarem de reuniões mensais do SEAP⁶. Com isso na sala observada havia duas professoras que se dividiam por disciplinas, uma é responsável pelas disciplinas de geografia, arte, história, ciências e educação física, enquanto a outra lecionava as disciplinas de matemática, português e ensino religioso.

Além disso, algo que nos chamou atenção foi a estrutura do pátio, havia apenas um chão acimentado com um lavatório de mãos e um bebedouro. Vale ressaltar que apesar de estarem nos anos iniciais e não na Educação Infantil eles ainda são crianças, e o estímulo do brincar, a presença de momentos lúdicos e de um espaço acolhedor e alegre, que os proporcione experiências únicas é de extrema importância para o desenvolvimento dessas crianças.

Posto isso, decidimos elaborar nossos planos de aula de forma que as crianças pudessem ficar envolvidas durante a execução das atividades, pois além de darmos um destaque na questão da interdisciplinaridade, também levamos em conta a questão do lúdico para se trabalhar os conteúdos que foram fundamentados de acordo a Base Municipal Curricular de Guanambi (BMCG, 2020).

Vale pontuar também que o currículo do Município de Guanambi se organiza a partir de três unidades temáticas (anuais) distribuídas em duzentos dias letivos. Essas unidades temáticas se convertem em saberes escolares, dos saberes escolares emergem os objetivos educativos específicos, e esses objetivos se transformam nos conteúdos.

Posto isto, observamos que as temáticas referentes à cor de pele dos que ali estavam e o tipo do cabelo de cada uma se faziam constantemente presentes nos diálogos das crianças, e sempre que aparecia esse tema, os comentários eram pejorativos, com uma carga muito negativa sobre a pele negra e o cabelo crespo. Dessa maneira, resolvemos pensar em algo que pudesse ajudar as crianças a praticarem a aceitação das suas próprias características físicas e subjetivas, para desenvolver também o respeito mútuo entre os colegas.

Deste modo, pensamos em um plano de aula que abordasse a temática da interculturalidade de forma interdisciplinar, considerando a estrutura do currículo do Ensino

⁶ Superintendência de Ensino e Apoio Pedagógico.



Fundamental do Sistema Municipal de Ensino de Guanambi que está organizado em áreas de conhecimento e respectivos componentes curriculares, conforme a imagem a seguir:

Imagem 1: Distribuição das áreas de conhecimento e componentes curriculares do Ensino Fundamental do Sistema Municipal de Guanambi.

Áreas do Conhecimento	Componentes Curriculares	Anos Iniciais (1º ao 5º ano)	Anos Finais (6º ao 9º ano)
Linguagens	Língua Portuguesa	5	6
	Arte	2	2
	Educação Física	2	2
	Língua Inglesa	-	2
Matemática	Matemática	4	4
Ciências da Natureza	Ciências	2	3
Ciências Humanas	Geografia	2	2
	História	2	2
Ensino Religioso	Interculturalidade, Tradições Religiosas e Direitos Humanos	1	2

Fonte: (BMCG, 2020)

De acordo a BNCC (2017), para além dos conhecimentos religiosos diversos, a área de Ensino Religioso também deve proporcionar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença; direitos humanos; valores e princípios éticos; diversidade de identidades, visando a formação integral do indivíduo para que haja respeito entre as particularidades, as crenças e modos de viver de cada um.

Assim sendo, a interculturalidade se faz constantemente presente como proposta pedagógica no componente curricular de Ensino Religioso. É de extrema importância debater sobre a interculturalidade na educação, pois é uma maneira de trabalhar a importância das relações de cooperação, aceitação e respeito mútuo entre os diferentes tipos de culturas e sujeitos. Nesse sentido, é importante destacar que:

O conceito de formação intercultural ainda está em construção. Um contato superficial com o tema pode sugerir que a intercultural busca harmonizar a convivência entre diferentes culturas, excluindo ou minimizando conflitos, na medida em que uma cultura tolere a outra. Mas não se pretende desenvolver tolerância. Tolerar significa suportar, agüentar, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de uma cultura sobre a outra. O que se pretende é desenvolver relacionamentos cooperativos entre as diferentes culturas, em que sejam mantidas - e respeitadas - as identidades culturais. A intercultural não busca a hegemonia, mas o reconhecimento da diversidade. Os conflitos permanecem inclusive em nome da democracia, mas devem existir em uma condição de igualdade, onde as diferenças não se reflitam em preconceitos e discriminações (VIEIRA, 2001, p. 118).

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

Dessa forma, apenas o convívio com pessoas de culturas, crenças e características diferentes não proporciona a prática de uma educação intercultural, porque essa prática só ocorre se realizarmos reflexões sobre o vivido, sobre a realidade. Posto isso, no estágio fizemos algumas inversões no quadro de horário da turma, pois utilizamos o conteúdo de Ensino Religioso (relegado ao último dia da semana) de forma interdisciplinar nos outros componentes.

Durante toda a semana de docência compartilhada trabalhamos de modo que a interculturalidade pudesse dialogar com os outros componentes curriculares, pois observamos que as crianças sempre tocavam no assunto da cor de pele em seus diálogos com os colegas, além de presenciarmos em todos os desenhos que eram pintados em sala, eles se referirem ao “lápiz cor de pele” ao pintar os desenhos como sendo apenas o lápis rosa claro.

Sendo assim, decidimos fazer a contação da história “Lápiz cor de pele” da autora Sueli Ferreira de Souza. O livro vem nos apresentar a diversidade de tons de pele que existem e busca desmistificar a ideia corrente de que a cor da pele deve ser retratada apenas pela cor rosa claro. Isso ocorre, infelizmente, porque o racismo e a discriminação sobre o povo afrodescendente ainda imperam na nossa sociedade. Num segundo momento, após a contação da história, apresentamos aos alunos uma caixa de lápis de cor de tons de pele para que eles compreendessem a diversidade de cores, e realizamos o estudo dos tons de pele das crianças a partir das cores presentes na caixa.

Após a contação e a apresentação da caixa de lápis cor de pele, fizemos um momento de observação das características dos alunos em frente ao espelho para que as crianças pudessem analisar as suas características físicas e subjetivas. Logo após observação e diálogo da atividade proposta, realizamos uma investigação com as crianças sobre a quantidade de lápis e a diversidade de cores presentes nos estojos. Por fim, após a análise empreendida por elas, propomos a construção de um mural com desenhos pictográficos de autorretrato e enfatizamos que essas pinturas deveriam ser realizadas tendo como referência a cor de lápis correspondente ao tom de pele.

Em relação a análise e discussão dos resultados, observamos o quão necessário foi trabalhar a interculturalidade em diálogo com os outros componentes curriculares. Percebemos que foi um trabalho positivo, pois as crianças interagiram bastante, se engajaram e aprenderam a ressignificar o lápis cor de pele. Foi possível perceber que após os nossos diálogos as crianças sempre mostravam vários lápis cor de pele e não somente o rosa claro, e isso foi de grande



significado para nós, pois percebemos que contribuímos de forma positiva para a construção de novos conhecimentos.

CONCLUSÃO

Portanto, compreendemos que o estágio é uma oportunidade de se adentrar ao espaço escolar, vivenciar de perto a docência e construir conhecimentos sobre o cotidiano escolar. Dessa forma, a partir dos saberes adquiridos acerca da atuação prática, aprendemos também que o estágio é um espaço de reflexão, investigação das práticas pedagógicas e produção de conhecimentos. Portanto, ele se configura como um componente curricular que nos proporciona uma ampla formação.

Posto isso, a formação desenvolvida nos estágios vai muito além do “ser profissional”, pois é uma formação humana. Dentro da sala de aula lidamos com diversas situações, principalmente no momento de observação. Ali ficamos cara a cara com as práticas pedagógicas dos professores que atuam na sala e com a realidade dos educandos. E foi por meio desses momentos que refletimos sobre qual profissional queremos ser, que caminho iremos seguir, quais metodologias nós iremos utilizar, e como vamos tratar os nossos educandos.

Entendemos que o ser professor é uma formação diária, estamos sempre em evolução, não é algo pronto e acabado, os conhecimentos são adquiridos dia após dia. Portanto, o ser professor não é dom, é uma escolha diária, todos os dias se escolhe adquirir novos conhecimentos, se escolhe evoluir cada vez mais em busca de uma educação de qualidade que deve ser ofertada para todos, sem exceção.

Como futuras pedagogas compreendemos que a profissão que escolhemos é uma construção diária de estudo, dedicação, força de vontade e desejo pela mudança. Não é uma caminhada fácil, é um trabalho árduo, muitas vezes cansativo e doloroso, mas a esperança de sermos bons profissionais com um olhar e escuta sensível, capacitados em levar conhecimento para o próximo nos faz querer vivenciar à docência.

REFERÊNCIAS



GUANAMBI. **Base municipal curricular de Guanambi.** Guanambi. 2020

BRASIL. **Ministério da Educação.** Base Nacional Comum Curricular, 2017.

DAUANNY, Erika Barroso; LIMA, Maria do Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor – uma revisão crítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, UEMG, ano 1, n. 3, p. 1-18, nov. 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4274/2394>. Acesso em: 23 abri. 2023.

OLIVEIRA, Sueli Ferreira. **Lápis cor de pele.** Ilustrações de Gilmar e Fernandes. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

VIEIRA, R. S. **Educação intercultural:** uma proposta de ação no mundo multicultural. *In:* FLEURI, R. M. (Org.). Intercultura: estudos emergentes. Florianópolis: MOVER; Ijuí: Ed. Unijuí, 2001, p. 117-127.

WEFFORT, Madalena Freire. **Educando o olhar da observação** – Aprendizagem do olhar. *In:* FREIRE, Madalena (Org.). Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996, p. 1-4. Disponível em: http://www.oocities.org/br/brucewaynes/09_observacaoregistroreflexao.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.